

João Paulo Silvestre

Palavras tabu e eufemismos nos dicionários de Bento Pereira e Rafael Bluteau

in António Manuel Ferreira (coord.), *Percursos de Eros. Representações do erotismo*. Aveiro, Associação Labor de Estudos Portugueses, 2003, pp. 223-229. ISBN 792-789-096-2.

Palavras-chave: Lexicografia portuguesa; palavras tabu; eufemismo; Bento Pereira; Rafael Bluteau

Key-words: Portuguese lexicography; taboo words; euphemism; Bento Pereira; Rafael Bluteau

Resumo: As ocorrências e as omissões na nomenclatura dos dicionários testemunham os interditos linguísticos de uma comunidade, bem como os recursos para os contornar. Numa perspectiva diacrónica, a leitura dos dicionários antigos portugueses demonstra que os termos tabu são socialmente condicionados e mutáveis, e que o seu tratamento lexicográfico sofreu uma alteração profunda no início do século XVIII.

Abstract: General dictionaries tend to exclude words or phrases that are unacceptable for social reasons (taboo words) and to suggest avoidance strategies (mainly euphemistic). Portuguese dictionaries of the seventeenth and eighteenth centuries were not always subject to strict pressures about omitting taboo words.

Os leitores de textos eróticos e satíricos habituaram-se ao confronto com palavras «não vêm no dicionário». Pelo menos, não nos dicionários mais comuns, precisamente aqueles que são publicitados como os mais extensivos, completos e abrangentes. Não são necessariamente palavras insultuosas, algumas são até usuais e de alto índice de frequência, e o seu significado é bem conhecido pelo falante. No entanto, sobre elas pesa um juízo social, que as classifica de inadequadas em certos contextos conversacionais.

Mas é um equívoco considerar que estes juízos e interdições acerca de determinadas unidades lexicais são imutáveis. Alguns termos que actualmente são considerados inconvenientes num dicionário de grande difusão e uso escolar mereceram um tratamento distinto em outros períodos da história da língua, como se conclui através da leitura dos dicionários portugueses antigos.

Os dicionários dos séculos XVII e XVIII são fontes privilegiadas para a análise dos interditos linguísticos numa perspectiva diacrónica, devido à extensão do corpus em vernáculo que neles se reúne. Os mais informativos serão a *Prosodia* de Bento Pereira e o *Vocabulario* de Rafael Bluteau, anteriores ao dicionário de Morais (1789), que representa o início da moderna lexicografia monolíngue.

A presente comunicação baseia-se numa breve sondagem de alguns tabus e eufemismos relacionados com o sexo e o corpo, e importa sublinhar que esta é apenas uma parte - se bem que significativa, em variedade e quantidade - de um vasto leque de campos semânticos referentes a temas que a sociedade convencionou serem assuntos sensíveis. Daí que os falantes, deliberadamente, se refiram a eles de uma forma indirecta e imprecisa.

O tabu impõe uma proibição sobre determinadas palavras, implicando o seu abandono e a introdução de um substituto menos ofensivo, o eufemismo. Este processo conduz a um ajustamento do significado do substituto, e, por conseguinte, a mudanças semânticas¹. S. Ullmann distingue três grupos de tabus, não rigorosamente delimitados, de acordo com a motivação psicológica do falante: tabus de medo (perante seres sobrenaturais, animais, ...); tabus de delicadeza (abarcando temas como doença, morte, defeitos físicos); tabus de decência, referentes a certas partes e funções corporais, e ao sexo².

Os limites dos tabus e eufemismos sexuais são muito latos, incluindo, pelo menos, o acto, as partes do corpo envolvidas, e as peças de roupa em contacto com essas partes. Neste âmbito, Heinz Kröll compilou uma série de eufemismos e disfemismos na língua portuguesa, que organizou de acordo com os seguintes campos semânticos³:

- Decência / o corpo: cheiros do corpo, roupa de baixo, barriga, os seios, traseiro, os órgãos sexuais, o desfloramento, excreções do corpo;
- Decência / o amor: concubina, prostituta, alcoviteira/o, prostíbulo, efeminação, coito, onanismo, pederastia, gravidez, parto, marido enganado.

¹ A questão da expressão por meio de eufemismos insere-se nos estudos de pragmática, e algumas teorias predominantemente orientadas para a análise dos fenómenos conversacionais revelam-se bastante pertinentes, como a noção de preservação da face / *work-face* de Erving Goffman, os princípios de cooperação de Grice, ou a teoria da relevância por Sperber e Wilson, que desenvolve a máxima da relação.

² S. Ullmann, *Semantics: An introduction to the science of meaning*. Oxford, Basil Blackwell, 1964. Trad. port. de J. Osório Mateus, *Semântica: uma introdução à ciência do significado*, Lisboa, FCG, 2ª ed., 1970.

³ H. Kröll, *O eufemismo e o disfemismo no português moderno*. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1984.

Todas as recolhas têm um considerável grau de precariedade, pois alguns eufemismos deixam de ser aceites enquanto tal, e convertem-se em novas palavras tabu, o que implica a criação constante de novos eufemismos. Em comparação com outras áreas marcadas por interdições, pode mesmo falar-se numa lexicalização excessiva⁴.

A decisão de incluir ou excluir palavras tabu num dicionário depende dos objectivos com que a obra é elaborada. Se o dicionário é concebido como uma obra puramente descritiva, incluir-se-ão todas as palavras que registam um uso relativamente generalizado, não obstante os juízos sociais que pesem sobre elas; se o dicionário tem um fim normativo ou pedagógico, é discutível a pertinência destes termos tabu. Os dicionários de língua, com uma nomenclatura abrangente e dimensão que não ultrapasse um volume, são particularmente direccionados para o público escolar. Pais e professores encaram o dicionário como um instrumento normativo, configurador da língua e da expressão correcta; isto mesmo quando o lexicógrafo o concebe como instrumento descritivo⁵. Assim, as recolhas de tabus, eufemismos e disfemismos são geralmente remetidas para dicionários especializados, sob a designação genérica de dicionários de calão⁶.

A diferença entre um dicionário escolar e um dicionário descritivo é visível no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, que, num parágrafo do texto prefacial, define o tabu enquanto nível de uso:

«Tabuísmos — São palavras, locuções, ou acepções tabus, consideradas chulas, grosseiras ou ofensivas demais na maioria dos contextos; trata-se dos palavrões e afins, vocábulos que se referem em geral ao metabolismo orgânico (*merda, cagar*), aos órgãos e funções sexuais (*caralho, esporra, pica, boceta* ('vulva'), *colhão, cona, foder, pívnia, crica, pachoucho* etc.), mais disfemismos pesados como *puta, veado* ('homossexual'), *cabrão* ('traído'), *paneleiro* ('homossexual'); expressões tabuizadas (*puta que pariu*) etc.»⁷.

⁴ A consulta das principais recolhas efectuadas para o português demonstra que o número de eufemismos é muito elevado. Vd. João da Silva Correia, *O eufemismo e o disfemismo na língua e na literatura portuguesa*, 1927; ou, mais difundido, Heinz Kröll, *op. cit.*

⁵ S. Landau, *Dictionnaires. The art and craft of lexicography*. New York, Cambridge University Press, 1989, pp. 185-186.

⁶ Alguns títulos: Alberto Bessa, *A Linguagem Popular. I — A Gíria Portuguesa. Esboço de um Dicionário de «Calão»*, Lisboa, Gomes de Carvalho, 1901; Albino Lapa, *Dicionário de Calão*, Lisboa, Sociedade Gráfica Nacional, 1959; Eduardo Nobre, *Dicionário de Calão*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1986; Afonso Praça, *Novo Dicionário de Calão*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2002.

⁷ *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Objectiva, 2001, p. XXVIII.

Tal como nos dicionários modernos, nos dicionários antigos a inclusão das palavras interditas também não era consensual. Tanto a *Prosodia* como o *Vocabulario* foram dicionários compostos por religiosos, que submeteram os seus trabalhos à censura inquisitorial. O primeiro, a *Prosodia* do Pe. Bento Pereira (1605-1681), foi durante mais de um século um instrumento essencial para o ensino do latim nos colégios dos jesuítas, e influenciou decisivamente a língua portuguesa em aspectos como a configuração da ortografia e a relatinização do português. O dicionário foi publicado pela primeira vez em 1634, e sucessivamente reeditado e aumentado até 1750⁸.

A *Prosodia* compreendia cerca de 24 mil entradas, num esforço acumulativo que visava garantir que tudo pudesse ser dito em latim, o que explica a grande quantidade de barbarismos e termos greco-latinos de formação tardia. A nomenclatura latina, informada em autores clássicos como Marcial, Juvenal e Catulo, garantia que os campos semânticos do sexo estavam bem representados.

As designações explícitas dos órgãos sexuais eram palavras tabu, e estratégia de contorno mais comum consiste em substituir os interditos linguísticos pelo correspondente latino. Note-se que os termos latinos não eram eufemismos, mas antes as designações explícitas e sobejamente conhecidas. O latim mais não é que um outro significante, por vezes integrado naturalmente na glosa portuguesa, que neutraliza o valor ofensivo:

Priapus, i, m.g. Priapo filho de Venus, **insigne ob mentulae magnitudinem**: guarda, & defensor dos jardins, & pomares; itē **mentula**; item f. g. Priapo cidade do Hellesponto. Virg. Georg. 4. Hellespontiaci servet tutela Priapi.

Lastaurus, i, m.g. O mui cabelludo **inter anum, & scrotum. Item cui grandes mentula**. Amalth.

Mutoniatus, i, m.g. Homem, ou moço **grandis mentulae**. 1. Comm. 2. p.l. Mart. 4. Dormis cum pueris mutoniatis. Natura, ae, f.g. A natureza, a virtude, força, condiçam, poder natural, costume, industria, indole, inclinaçam; item membros genitais: (**puenda, cunnus, mentula**.) 1.2.1. Horat. 1. Epist

Tentigo, ginis, f.g. A tezigam, extensam, comicham, & prurito das partes naturaes, appetendo coito; item, priapisma, tezigam **mentulae** sem appetite Venereo. 2. L. incr. b. Juv.

⁸ Cita-se a edição de 1697 (7ª), resultante de um profundo trabalho de revisão que configurou as reedições posteriores; sobre o percurso editorial da *Prosodia*, até à proibição pelo Marquês de Pombal, cf. T. Verdelho, "Portugiesisch Lexikographie" in *Lexikon der Romanistischen Linguistik*, Tübingen, Max Niemeyer (1994) VI, 2, pp.673-692. Devo agradecer à Drª Helena Freire Cameron o acesso ao *corpus* informatizado, recolhido no âmbito um trabalho académico, em curso, sobre o dicionário de Bento Pereira.

A alternativa ao latim é o emprego de expressões eufemísticas, cujo uso é muito consistente e regular, o que evita erros de interpretação no significado do termo latino. De resto esta codificação deveria estar também enraizada no discurso religioso (escritos moralizantes, sermões, ...), em os pecados da carne seriam um tema recorrente:

Anus,i, m.g. A parte, por onde o ventre se evacua.1.1. Cic.

Anutergium,ii,n.g. Panno, com que esta parte se allimpa. Amalth.

Naturalia desideria. O apetite deshonesto. Colum.

Bulba,ae,f,g. pro Vulva. A madre das mulheres. Amalth.

Virilior,is,m.g. Homem, que tem grandes vergonhas.1.b.2. Inc.l. Amalth.

Subligaculum, i. Subligar, is, n.g. Os calçoens; o coz , & parte superior dos calçoens, que cobre as vergonhas, ou panno de honestidade. Mart. 37. 87. Si pudor est, transfer subligar in faciem.

Os lexicógrafos jesuítas não ignoravam o uso eufemístico ou pejorativo de palavras muito frequentes, que geralmente era explicitado no fim da glosa. Apesar de esses sentidos estarem consignados no latim, é possível admitir a transposição dessas duplicidades semânticas para a língua portuguesa:

Nasatus,a,um. Cousa nariguda; item **Qui habet grandem mentulam**.1.2.1. Lampr.

Vas,is, (Vasu,i,n.g. Plaut. Vasus,i,m.g.1.1. Amalth.) n.g. O vazo, baixella, &c. **Item pudenda, cunnus,&c.** Incr.b. (Nom.l.) Horat.1. Sat. 3. Juv.

Pecten, tinis, n.g. O pente, pente de tear, & c. ansinho, ou grade de dentes, penna, ou ponteiro de tanger cithara, & c. **Item pili, & pars circa pudenda:** As veas da madeira; item peixes saltadores, ou voadores de Trento. Incr. b. Ovid. Met. 4. Saepe Cytoriaco deducit pectine crines.

Um aspecto significativo, e que permite verificar como os interditos linguísticos são socialmente condicionados e mutáveis, é o facto de palavras como *puta* e *fornicação*, evitadas nos dicionários seguintes, não serem interditas. Os exemplos revelam que são os termos preferencialmente seleccionados, e até lexicalmente produtivos:

Meretrix,cis,f,g. A mulher publica (**puta**).1.2.b. Incr.l. Ovid. Trist.2.

Meretricula,ae,f,g. dim. A **putinha**, puta vil.1.2.p.b.3.l. Horat.2. Satyr.7.

Meretricius,a,um. Cousa de puta, ou pertencente a puta.1.2.b.3.l. Ovid. Fast.5.

Meretricie, Adv. A modo de puta.1.2.b.3.l. Plaut.

Meretricium,ii,n.g. Puta da vida, & exercicio de puta.1.2.b.3.l. Suet.

Meretricor,aris,atus sum. **Putear**, viver em putarías.1.2.b.3.l. Colum.

Meretricatio,nis,f.g. A **putaríá**, vida de putas, &c.1.2.b.3.4. Incr.l. Amalth.

Meretricarius,ii,m.g. O **putanheiro**, o roffiaõ.1.2.b.3.4.l.

Termos como estes não se encontrarão no *Vocabulario Portuguez e Latino*, composto pelo padre teatino Rafael Bluteau (1636-1734), publicado entre 1712 e 1728.

Este dicionário de 8 volumes (mais 2 de suplemento) não ambicionava o trânsito escolar, e o seu modelo configurador radica nos grandes dicionários monolíngues que se publicaram um pouco por toda a Europa culta nos finais do século XVII. Este impulso editorial é, em grande parte, influenciado pelos movimentos académicos (Académie Française; Academie della Crusca, em Itália), direccionados para o estudo da língua, e que defendem o conceito de uma língua correcta, racional e depurada de termos baixos. Em consequência, os dicionários compostos sob a protecção de academias, ou por académicos, tendem a eliminar as palavras que, no seu entender chocariam a sensibilidade dos leitores.

Portugal também conheceu um ensaio de uma academia de estudo da língua, por iniciativa do Conde da Ericeira, Francisco Xavier de Meneses. As Conferências Discretas e Eruditas decorreram, com muita irregularidade, a partir de 1696, e nelas participou Bluteau, instituindo o *Oratorio requerimento de palavras portuguezas*. Um dos objectivos era precisamente eliminar da língua os termos baixos: para responder às exigências da decência, impunha-se a substituição das palavras disfémicas, que, segundo Bluteau, e cito, «naõ só nos Pulpitos, e nas Academias, mas nem nas praticas mais familiares se podem pronunciar sem pejo», recorrendo, se necessário, a vocábulos estrangeiros. O exemplo mais célebre é o da palavra *pirilampo*, um composto erudito, grecizante, que serviria para nomear o insecto que o povo conhecia por caga-lume⁹.

O *Vocabulario* era um dicionário destinado à biblioteca do culto homem da corte, escrito numa linguagem também ela digna da corte. Seria um instrumento de referência para uma expressão cuidada, retoricamente motivada.

De acordo com as palavras de Bluteau, escritas em texto pós-facial, aparentemente o *Vocabulario* acolheria na nomenclatura termos disfémicos:

«Os de faro esperto, que não soffrem vocabulos, significativos de materias, que offendem o olfacto, não reparaõ que palavras não tem mao cheiro, e que não sujaõ papel immundicias

⁹ Bluteau, *Prosas portuguezas recitadas em diferentes congressos academicos*, Lisboa Occidental, Na Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1727-1728, I: 12.

em tinta. Nas primeiras edições da *Prosodia* do Padre Bento Pereira, e do seu *Thesouro da Língua Portuguesa* houve quem muito se escandalizou da palavra, que pela sua ordem alfabética precede à palavra *Merenda*. Nas últimas edições da dita obra, para evitar tão grande escândalo já não aparece a tal palavra, mas nem por isso ficou mais cheirosa a folha; e segundo o rigor destes zelosos Almotaceis da limpeza dos vocabulos, será preciso expurgar o dito *Thesouro* na sua última edição, porque nas duas letras C, e V. traz em Portuguez, e em Latim o nome do Cano Real do microcosmo. Com semelhantes reparos não se acredita a fineza do juízo; quem por huma palavra destas condena huma obra, mostra ter o olfato agudo, e o juízo rombo. Dos Vocabularios, compostos por Religiosos, se extirpam vocabulos, que offendem a modestia, porque a modestia he a gala da Religião; mas vocabulos expressivos de cousas, feias, idiondas, asquerosas, monstruosas, offensivas do Tacto, ou do Olfato, da vista, ou do gosto, que incoherencia, ou que deformidade tem, para serem excluidos de Dicionarios, criados, e elaborados no centro da mais austera Religião? Até na Rhetorica deve o Orador em certas occasiões conformarse com o estylo da natureza, porque os termos proprios, e naturaes tem mais energia, e nos animos dos ouvintes fazem mais impressão, do que os metaforicos»¹⁰.

Todavia, Bluteau é bem mais contido do que este texto faria supor. As suas definições assentam num discurso predominantemente eufemístico, e os artigos incluem inúmeras sugestões retóricas para suavizar termos e expressões pejorativas.

O lexicógrafo classifica estas palavras como *termos chulos*, e a definição revela que tais palavras estão conotadas com um registo socialmente marcado, impróprio do homem de corte:

CHULARIA. Facecia vulgar. Chança, ridicularia, zombaria popular. Vid. nos seus lugares, no Vocabulario.

CHULO. Aquelle, que diz graças, mas com frase baixa, ou com alguma velhacaria. Impolitè, vel lascivè facetus, a, um. termo chulo. Verbum impolitum; se a chularia for descomposta, Verbum Proco

Alguns exemplos permitem observar como o recurso ao eufemismo é consistente:

CU. Inurbano, e descomposto synonymo de assento trazeiro, e pouzadeiro. Podex, icis, Masc. Juven. Nates, ium, Fem. Plur. Horat. Clunis, is, Masc. ou Fem.

CU de Judas. (Annexim chulo.) Má rua. Canto. Beco sujo. Mora no cu de Judas, id est, mora em má rua, em hum beco sujo.

¹⁰ *Supplemento ao Vocabulario*, II, «Apologia do Autor», 585-586.

CUADA. Pancada, que se dá com tal parte no chaõ. Ictus podicis.

BESBELHO. (Termo chulo, & sujo.) Podex, icis. Masc.

CESSO. A parte do corpo, por onde sahem os excrementos.

ALCOVITEIRO. Torpe medianeiro, & ministro infame da luxúria alhea. Leno, onis. Masc.

Terent. Cousa de alcoviteiro.

O sacerdote teatino, qualificador do Santo Ofício, não consegue - e talvez nem pretenda - disfarçar um tom moralizador quando aborda conceitos relacionados com a sexualidade e o corpo. Os eufemismos construídos com base em adjectivos e nomes como *torpe*, *sensualidade*, *luxúria*, *pecado*, *iníquo*, *açoute*, *vício* não se limitam a substituir um termo considerado inadequado ou disfémico. O eufemismo, ainda que retoricamente elaborado, conserva a carga simbólica negativa que se associa ao termo interdito. Assim, no *Vocabulário*, a prostituição é o *torpe exercício*, *luxúria popular*, *torpe ganho meretrício*; o sexo é o *vício da sensualidade*, as doenças venéreas são *mal torpe*, *açoute da luxúria*.

Como se observou, dois dicionários, publicados em simultâneo, abordam de modos diferentes a questão das palavras interditas.

A *Prosodia* acolhia tudo, ainda que não designasse tudo pelo correspondente termo em português. Continuará a ser editada e usada, com muito mais sucesso e trânsito que os 10 volumes de Bluteau, até à proibição pelo Marquês de Pombal, em 1759.

O *Vocabulário* representa uma mudança dos paradigmas da lexicografia em relação aos tabus, pois destinava-se a proporcionar horas de leitura amena a homens eruditos, escrito numa linguagem própria das academias e dos púlpitos. Se retirarmos os exageros retóricos do teatino, este modelo configura os primeiros dicionários monolíngues, em especial o de António Morais (1789).

É o início de uma lexicografia com pudores, contenções e eufemismos, em que seguramente muitas palavras não vêm nos dicionários.

Fontes lexicográficas:

BLUTEAU, Rafael, *Vocabulario Portuguez, e Latino*, Coimbra-Lisboa, 1712-1728

HOUAISS, Antônio, *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Objectiva, 2001.

PEREIRA, Bento, *Prosodia in vocabularium bilingue, latinum, et lusitanum digesta*, Évora, 1697

SILVESTRE, João Paulo, 2003 «Palavras tabu e eufemismos nos dicionários de Bento Pereira e Rafael Bluteau», in António Manuel Ferreira (coord.), *Percursos de Eros. Representações do erotismo*. Aveiro, Associação Labor de Estudos Portugueses, pp. 223-229. ISBN 792-789-096-2.

